bord de la table; et, ronronnante, l'echine souple, avec des grâces de jeune chèvre, elle donnait des grands coups de tête dans le menton de l'enfant. C'etait sa façon de se caresser, on sentait son nez froit et l'ffleurement de ses dents pointues; tandis qu'elle dansait sur ses pattes, comme un mitron petrissant de la pâte. Alors, Pauline fut enchantée, entre les deux bêtes, la chatte à gauche, le chien à droite, envahie par eux, exploitée indignement, jusqu'à leur distribuer tout son dessert...»

(E. Zola, *La joie de vivre*, p. 18.)

Estes documentos mostram perfeitamente a distancia que existe entre este estylo suggestivamente pontuado pela especialisação, pelos accidentes dos objectos descriptos, e o estylo classico, petrificado em suas formas amplas e genericas, e o romantico, perdido no tumulto de uma tropologia incoherente. O esforço da crase é manifesto, e a cada passo a pagina do livro sente-se animada pela multiplicidade de traços concretos, que fazem vibrar na phrase a vida intensa dos objectos artisticamente elaborados. Essa autonomia de expressão os escriptores apontados com certeza não teriam attingido, se não pertencessem a raça dos verdadeiros artistas da palavra, ou se vives, sem mergulhados nesse subjectivismo inchoativo, que é a morte de toda a impulsão esthetica.

Ora, si o pessimismo, como creio, é um phenomeno prodromico de desagregação dos factos de consciencia, e se o principal resultado desse estado é a exageração do subjectivismo, o divorcio do mundo objectivo, a incapacidade de analyse, a inefficacia da attenção: a consequencia inevitavel de tudo isso é que elle não pode produzir se não a dissociação syntactica, tornando o estylo diffuso, incoercivel, e annullando o principio capital da arte, derivado, como o demonstrou Taine, da mesma lei biologica que preside ao arranjo e desenvolvimento de todos os seres organisados. Pouco importa que um ou outro mestre da escola naturalista faça cabedal das theorias pessimistas e chegue até a exemplifical-as em seus livros, accumulando em typos diversos todos os aspectos tristes que pode apresentar uma deter..inada sociedade. O essencial é verificar as crenças reaes desses individuos; é não confundil-as com os seus intuitos de artista, nem com os effeitos que elles empregam para ferir a imaginação e a sensibilidade do seu publico. Estas superfetações, que muitas vezes representam as tendencias satyricas de um autor, levantam-se como um escolho para grande parte dos sectarios da escola, e não raro se vê que, abandonado o caminho recto indicado pelo que ha de mais energico no talento, povoam-se as estantes de trabalhos, que bem se podiam classificar como dialectos viciosos de uma escola de poesia.

Bem difficil seria determinar até que ponto a superfetação alludida conseguio invadir os discipulos da escola naturalista em Portugal e no Brazil, e como, influindo principalmente no estylo, deu-lhe uma feição especial. Seja, porem, como fôr, o que para mim não resta duvida é que todas as desigualdades que se encontram nos livros da nova geração não tem outra causa se não o desequilibrio psychico entre a forma e o pensamento; e essa enfermidade é perfeitamente explicada pela adopção da esthetica pessimista.

ARARIPE JUNIOR.

DIPLOMATICO

A' GENERINO DOS SANTOS

Dona, esta flôr embaixatriz da aurora,
Cujas credenciaes vão num soneto...

G. DOS S.

Senhora, a bella flôr que *envio* a V. Alteza
E' do meu coração a *embaixatriz* formosa,
E vos leva a *especial missão* mais melindrosa
Que hoje entreter pudera a *côrte* da belleza.

Acreditada pois junto á alma caprichosa,
Aquella que curvou-me ao jugo da realeza,
Eu, democrata austero! Essa gentil fereza
Ha de findar e então... sorte hei de ter ditosa.

Acolhei-a benigna, a pobre flôr, senhora!
Ouvi da primavera a voz encantadora,
Que a nossa vida enleva em perennal gorgeio!

Vamos... deixai pender-lhe um riso de esperança!
Credenciaes apresenta a flôr pedindo *alliança*
E *exequatur* espera... em vosso niveo seio.

COELHO LISBOA.

Prefacio das «Contemporaneas»

DE

AUGUSTO DE LIMA

A leitura deste interessante, curioso e attrahente volume de versos denuncia um grande poeta que, prodigamente dotado pela natureza, educa todos os dias, com tenacidade, as bellas qualidades originarias, que lhe enriquecem e singularizam o talento: imaginação poderosa, sensibilidade delicada, elocução espontanea, individual e propria.

Augusto de Lima entende a arte, como eu a comprehendo. E' talvez este o segredo do irresistivel enthusiasmo que lhe consagro. A meu vêr, a arte é a expressão immutavel das impressões multiplas e successivas que o espectaculo da natureza ou o drama da existencia reflectem no espirito que os contempla e interpreta. O que caracteriza o artista e a faculdade de descobrir e aprimorar symbolos que, revestindo, com a belleza da fórma, o sello e a virtude da perpetuidade, conservam e communicam, sempre viva e energica, a emoção que se recebe das cousas que passam. Augusto de Lima possue, em elevado gráu, essa faculdade rara e superior.

A principal inspiração é a da fórma. A mais fina essencia perde-se, despercebida e ignorada, quando a encerra um vaso grosseiro. Os mais suaves sentimentos repugnam, si contrastam com a expressão que os envolve. A arte suprema consiste na correspondencia exacta, na equivalencia perfeita, entre a fórma e o pensamento. Os artistas, dignos deste nobre nome, não têm, não conhecem outro *idéal*. Entre as innumeraveis expressões, a que uma mesma idéa pode amoldar-se, ha uma unica que lhe dá, na existencia exterior, a vida intensa e completa, que a faz palpitar na imaginação creadora. Para encontrar essa expressão unica, insubstituivel, escondida mysteriosamente no vasto abysmo das expressões semelhantes, ó que se requer o dom divino, o prestigio sobrenatural da inspiração. Nem sempre se attinge esse idéal, quasi inaccessivel; mas para marecer a immortalidade, é imprescindivel procural-o sempre, e tel-o attingido algumas vezes, ao menos.

Neste livro nota-se a preoccupação infatigavel, o esforço constante desta tendencia, frequentemente victoriosa, affirmando-se em fragmentos de uma perfeição inimitavel, em que não ha palavras superfluas, em que cada vocabulo contém uma intenção artistica complexa, já pelo valor intrenseco, já pelo valor do logar que no verso occupa:— trechos irreprehensiveis, em que tudo concorre para o effeito esthetico, que o poeta quer produzir, e realmente produz. Não cito: o leitor por si verificará o que digo.

Das censuras que devo fazer a este volume, mencionarei apenas uma: é um protesto contra o titulo. Ou melhor: não sou eu quem protesta, mas as paginas immorredouras que elle refolha entre muitissimas ephemeras. *Contemporaneas*, este livro! Augusto de Lima blasphemou.

Si a obra não desmentisse o titulo, eu não acceitaria a honrosa permissão, que o autor me deu, de escrever nesta primeira folha o meu modesto e obscuro nome, repetindo, ao mesmo tempo que o assigno, a celebre quadra de Bocage, inspirada pelo presentimento dos applausos da posteridade:

A'quella enchente de glorias
Ou tu voarás commigo,
Ou hei de, engeitando o premio,
Morrer de todo comtigo.

THEOPHILO DIAS.

OS TRES ABYSMOS

Os dois olhos de Abelina
São mais ferozes que o mar:
Têm luz que abala e fascina...
Os dois olhos de Abelina
Quantos sua onda assassina
Não tem feito naufragar?!...
Os olhos de Abelina
São mais ferozes que o mar!...

O sorriso de Abiana
Tem mais fel do que a serpente;
Illude, seduz, engana
O sorriso de Abiana.
E' flor rosea da savana
Que o veneno traz latente
O sorriso de Abiana
Tem mais fel do que a serpente.

A todos aponta Annita
Um laço pr'a se enforcar
Na trança loura, bonita
A todos aponta Annita,
Um por um manda a desdita
Nella um allivio buscar,
A todos aponta Annita
Um laço pr'a se enforcar.

Mas, si os olhos de Abelina
São mais ferozes que o mar,
A elles um raio illumina
Ao dois olhos de Abelina;
E desde que a rota ensina
Eu não tremo; eu sei nadar
Si os dois olhos de Abelina
São mais ferozes que o mar.

E, si o sorrir de Abiana
Tem mais fel do que a serpente,
Não me illude, não me engana
O sorriso de Abiana
E á sua caricia insana
Fugirei incontinente,
Se o sorriso de Abiana
Tem mais fel do que a serpente.

Só tenho medo do laço
Da loura trança de Annita,
Quando a sacode no espaço,
Eu tenho medo do laço
Terrivel, cruel baraço
Que meu colo ha muito excita.
Sim: tenho medo do laço
Da loura trança de Annita.

EUGENIA LOBO.

Estudos de Litteratura Brazileira

GONÇALVES DIAS

(*Conclusão*)

Leonor de Mendonça é precedido de um excellente *prologo*, onde o auctor expõe os seus designios e idéas sobre a arte.

Ouçamol-o, falando de sua propria obra: « Direi, não o que fiz, mas o que prometti fazer.

A acção do drama é a morte de Leonor de Mendonça por seu marido: dizem os escriptores do tempo que D. Jayme, induzido por falsas apparencias, matou sua mulher; dizem-no porém de tal maneira, que facilmente podemos conjecturar que não foram